

Colóquio de Convergencia²
MAL-ESTAR, CASTRAÇÃO, ALTERIDADE
Considerações a respeito da demanda e o desejo

Paris, 16 e 17 de maio de 2025

O Colóquio de Convergencia propõe uma reflexão sobre a relação entre o discurso analítico, os diagnósticos psiquiátricos contemporâneos e as mudanças nos sintomas e na estrutura do sujeito. O texto levanta questões pertinentes sobre como os diagnósticos atuais, como autismos, bipolaridade, TDAH, entre outros, refletem mudanças na estruturação psíquica ou se são, de fato, apenas uma nova *roupagem* das mesmas questões estruturais. Quando nos diferenciamos do campo psiquiátrico fenomênico porque estamos dentro do campo psicanalítico e se trata da escuta do sujeito do inconsciente, Lacan coloca que tentando estar dentro dele, mesmo assim “[...] meu bom homem [...] há discordâncias” (Lacan, 1969/1970 p. 115). O discurso da histérica que busca um mestre, demanda a um Outro suposto saber para desmascará-lo pela “falsidade intrínseca” (Harari, 2007 p. 273), que tenta produzir efeitos de verdade que são provisórios, e mais, nos coloca que os discursos da histérica como da ciência, são constantemente reeditadas. Se pensarmos na formalização dos quatro discursos no Seminário 17, sabemos que é o escravo que detém o saber, um saber enraizado no fazer, mas é “saber do sinal como signo” (Lacan 1969/1970 p. 157) e que no discurso universitário, e em paralelo podemos colocar a filosofia, o saber se tenta procurar sua episteme, decantar o saber, torna-lo algo puro. Se pensarmos como metáfora o capítulo Os Degraus do Panteão onde há uma perda, e não um progresso porque se separa do saber a vivência e se vamos da mão da ciência com os gadgets, e essas coisinhas, “[...]simplesmente essas coisinhas” (Lacan 1969/1970 p. 158) podem trazer uma ameaça alienante porque poderia ocupar o mesmo lugar que nós no mundo, embora Lacan (1974) na Terceira, diga que é pouco provável que os gadgets lhe injete alma ao homem. A Inteligência Artificial capaz de responder perguntas com velocidade e precisão, pode nos colocar frente a um novo cenário, haveria então, ainda a dimensão do enigma?

¹ Psicanalista, Membro de Maiêutica Florianópolis-Instituição Psicanalítica.

² Texto apresentado no Colóquio Internacional de Convergencia: Movimento Lacaniano para Psicanálise Freudiana “Mal-estar, castração, alteridade”. Paris 2025, por Ana V. Nion Rizzi em interlocução com Inezinha Brandão Lied e Roberta Manozzo.

Os algoritmos trabalham com dados organizados e cumulativos na medida que mais se processam. Mas a subversão da psicanálise continua presente porque se fizermos um paralelo com o lugar do estudante no discurso universitário, é aquele que faz as perguntas. Claro que pensar nos efeitos de fala não falada e escrita não escrita por letras onde a consistência imaginária do visual avança sobre o simbólico e não é sem consequências. Os avanços tecnológicos insuflam o ego com a onipresença e onipotência, estando em todos os lugares ao mesmo tempo e conseguindo fazer coisas inimagináveis, não é muito diferente do retorno às fantasias infantis de poderes mágicos e antigas civilizações.

Viver em tempos onde os aplicativos Shopee, Shein, Mercado Livre, Amazon nos deixam muito distantes do saber artesanal do ofício como os chapeleiros, os alfaiates e sapateiros. Tempos onde a saturação de bens de consumo e possibilidades inimagináveis antes de que o sujeito faça a pergunta, que se depare com a frustração. Pensemos na diferença de contemplar com espaço uma imagem e o *rolar* na tela com o polegar. Talvez nos aplastamos nos enunciados da imagem em avalanche.

Pensemos junto à hipóteses de Díaz Romero (2020, 2º Reunião p. 4) quando trata das incidências do avanço da ciência sobre a cultura: lembremos o “pacto secreto” da igreja com a clonagem dos animais, a famosa ovelha Doli, depois parou surpreendentemente a fala de clonagem, algo não pode mais avançar. Aqui opera uma retirada de cena desde a cultura para com a ciência, uma parada. Continuando a pensar nos efeitos da cultura no respeito à tecnologia comparando o início do século XIX com o XXI. O romance *Frankenstein* de Mary Shelley a partir da impossibilidade de se divertir ao ar livre por intempérie com o namorado e amigo, assumem uma aposta de escrever, assim nasceu essa ficção científica a modo de recortes para parir a criatura inventada pelo homem. A partir de uma demanda não satisfeita, se lança o desejo. Aprendemos com Freud no sonho da “bela açougueira” que para que permaneça o desejo como falta deve se satisfazer na insatisfação. Os recursos do berço simbólico marcam a capacidade de codificar e decodificar o mundo. Quando se pode ler á la lettre, a maneira da letra, aquilo que insiste, algo avança. Não é qualquer fala que opera, assim como tampouco qualquer leitura que interpreta: é quando se atravessa a marca corporal do gozo, a letra, quando se toca no real do significante, há acontecimento.

Quando o sujeito se detém aos efeitos de lapsus, equívocos, chistes, atos falhos, sintomas e sonhos, possibilita o surgimento do inconsciente e como cada um se articula com ele. Mas o que nos impregna atualmente de informatização saturada de sentidos, não é o que está na ordem do saber. O saber está do lado do sabor, na possibilidade de torcer, articular, brincar com os efeitos de fala: na inflexão da voz, na hesitação, no tropeço, no estilo. Isto escapa aos cálculos estatísticos, assim como também o sexual escapa à benfeitora inteligência artificial.

A aparente ampliação das possibilidades- que vai da criação de inteligências artificiais às inovações de reprodução assistida- nos convoca a interrogar não apenas os ganhos, mas os efeitos subjetivos. A manipulação da vida e da matéria biológica não confere ao sujeito um domínio pleno sobre a existência, pelo contrário, pode intensificar a angústia ao confrontá-lo com os impasses do desejo e da impossibilidade. O sujeito se vê diante do excesso de possibilidades, mas sem uma bússola simbólica para atravessar esse campo saturado.

Nesse contexto, é legítimo perguntar se o crescente apelo ao gozo — em suas formas mais imediatas e desvinculadas da cadeia significativa — não indicaria um retorno dos efeitos de uma falha na operação da castração? A busca compulsiva por prazer, consumo e satisfação instantânea pode ser lida como uma tentativa de tamponar a angústia que emerge da falta estrutural, constituindo-se como uma modalidade de evasão frente à realidade. O sujeito, diante da inconsistência do Outro e da fragilidade do laço social, se refugia em experiências que prometem plenitude, ainda que momentânea, evitando assim o confronto com os limites impostos pela linguagem e pelo desejo.

Essa dinâmica, que tensiona o desejo para o gozo, sugere uma subjetividade marcada por um embate entre o imperativo da satisfação e a impossibilidade que funda o desejo. O risco, então, é que a cultura contemporânea, ao privilegiar a saturação com avalanches diagnósticas, e outros deslocamentos técnicos científicos em detrimento da falta, produza sujeitos desalojados do simbólico, com dificuldade de sustentar um desejo próprio. Resta-nos, talvez, recolocar a pergunta freudiana: o que deseja um sujeito, *Che vuoi?*

Bibliografia

DIAZ ROMERO, Ricardo. "*Este Extraño cuerpo extraño*". Versión Integral en formato Digital. 2020 - Año de la Pandemia - Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud Rosario. E-mail: epsfrosario@gmail.com

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900).. Volume IV. FREUD, Sigmund. In: Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996

HARARI, Roberto. *Palabra, violencia, segregación y otros impromptus psicoanalíticos*. 1 ed - Buenos Aires : Catálogos, 2007. Tradução minha

LACAN, Jacques. Seminário 17: *o avesso da psicanálise* 1969-1970.

LACAN, Jacques. *A Terceira*. 1974. Tradução: Ana Lucia Teixeira Ribeiro. Para circulação interna na Escola Letra Freudiana.